

Carlos Augusto Pereira dos Santos

Doutor em História - UFPE. Professor Adjunto do curso de História da Universidade Estadual Vale do Acaraú- UVA.

***“Um por todos e todos por um”.
Experiências associativas de
trabalhadores urbanos na zona noroeste do
Ceará.***

Resumo

O associativismo na virada do século XIX para o XX foi considerado um fenômeno no Brasil. Neste sentido, uma “cultura associativa” se espalhou pelo país com o objetivo de suprir várias demandas dos grupos sociais, baseada nos princípios de solidariedade e reciprocidade, principalmente. Por outro lado, os estudos históricos sobre o tema, grosso modo, ainda privilegiam um recorte espaço-temporal circunscrito ao centro-sul do Brasil. Deste modo, o presente artigo busca compreender como se deu essa “dimensão associativa” na zona noroeste do estado do Ceará entre os trabalhadores urbanos, realizando uma análise de sua diversidade no interior cearense.

Palavras-Chave Associativismo. Trabalhadores. Trabalho.

Abstract

The associations at the turn of the nineteenth to the twentieth century was considered a phenomenon in Brazil. In this sense, an "associative culture" spread throughout the country in order to meet various demands of social groups, based on the principles of solidarity and reciprocity, especially. On the other hand, historical studies on the subject, broadly speaking, still favor a time-space cut confined to south-central Brazil. Thus, this article seeks to understand how did this "associative dimension" in the northwestern part of the state of Ceará among urban workers, carrying out an analysis of its diversity within Ceará.

Keywords: Associative. Workers. Job.

1. O fenômeno associativo

Estamos na época das associações, hoje na verdade todas as classes tratam de se congregar seguindo o lema: "Um por todos, e todos por um"¹.

Perceber a cultura dos trabalhadores através do trabalho é uma possibilidade de se contar a história do movimento operário. Deste modo, em nosso percurso acadêmico temos procurado ampliar o recorte espaço-temporal, apontando para o estudo das experiências culturais dos trabalhadores urbanos da região noroeste do estado do Ceará em suas diversas formas de apresentação e espaços de sociabilidade, tendo como foco a experiência associativa que reputamos também ter forte conteúdo cultural². Nas pesquisas anteriores sobre a militância comunista e do cotidiano dos trabalhadores nos espaços do trabalho no município de Camocim-CE, o conceito de experiência proposto pelo historiador britânico E. P. Thompson ajudou-nos, sobremaneira, a compreender que os trabalhadores realizavam muito mais do que apenas buscar no trabalho as condições para a sobrevivência de suas famílias.

Com efeito, a reflexão thompsoniana sobre o conceito de experiência histórica em sua perspectiva ontológica permite-nos que evitemos “reduzi-la a um culturalismo frouxo ou a um idealismo plausível, tanto quanto considerar a estrutura material apartada do condicionante humano” (Alves; Araújo, 2013, p.56). É essa tessitura que possibilita a compreensão do que Thompson denominou de "condição existencial de proletariedade", por exemplo, quando os trabalhadores passam a se organizar e resistir ao ideário capitalista. Neste sentido, a análise da formação da classe operária avança para além das condições econômicas e políticas a que está submetida. O universo cultural dos trabalhadores, em sua pluralidade, começa a ser levado em conta nesse processo. (Burke, 2005, p.30).

Voltando às conclusões das pesquisas anteriores, observamos que o estudo de caso sobre os trabalhadores e militantes comunistas comportava outras relações, não somente com outros tipos de trabalhadores e grupos ideológicos presentes na cidade de Camocim, mas com a necessidade de incorporar outros conceitos para dar conta da diversidade no mundo do trabalho existente na cidade – a cultura e o cotidiano. Como dissemos anteriormente, o referencial teórico sistematizado por E. P. Thompson em *A formação da classe operária inglesa* (1988), principalmente, viria a ser um dos textos fundadores dos chamados Estudos Culturais e que estava muito

¹ Expressão que aparece no jornal *Brazil-Livre*, Sobral-CE, Anno I, nº 40, p.1, 26/07/1931, como sendo o lema das associações existentes no município. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional

² A região noroeste do Estado do Ceará é composta de 47 municípios tendo a cidade de Sobral como polo econômico.

presente no mergulho realizado nas fontes em que se procuravam indícios e o entrelaçamento destes conceitos. Para o historiador britânico, dentro da tradição marxista, digamos renovada, as práticas culturais dos trabalhadores estariam presentes neste cotidiano em que eles desempenhavam um papel central, único e diferente e faziam disso formas de enfrentamentos peculiares.

Abre-se aí outra vertente para a percepção dos aspectos culturais forjados pelos trabalhadores em sua cotidianidade - a prática do lazer. Da mesma forma como a existência de trabalhadores sobrevivendo com ofícios ameaçados de extinção pode ser entendida como uma escapadela à lógica capitalista burguesa, o lazer praticado pelos trabalhadores também o é, por extrapolar e, às vezes, subverter seus rigores. Neste sentido, o cotidiano destes homens e mulheres passa a se inserir no campo da história social e cultural, trazendo novos ares para os estudos históricos. Com efeito, passa-se a observar “o calendário dos rituais e festividades no campo e na cidade, o lugar dos esportes na vida social, os diferentes rituais de trabalho e lazer antes e depois da Revolução Industrial...” (Negro; Silva, 2001, p.237). Nessa perspectiva, E. P. Thompson afirmaria que o caráter “cultural” da classe, tanto quanto o “econômico”, tão evidenciado na velha tradição marxista, poderia tornar-se uma tendência nos estudos sobre o mundo do trabalho, o que de fato veio a acontecer.

Em que base se forja esse caráter "cultural" dos trabalhadores? Tomando como exemplo nosso universo pesquisado, acreditamos que o mesmo se consolida nas experiências dos trabalhadores no “chão do cais”, no âmbito de suas oficinas e lojas, no cotidiano sindical e na diversidade de associações, nas relações sociais com os diversos setores sociais, nos espaços de sociabilidade, nas temporadas de trabalho em outros portos, nas manifestações festivas e de lazer, nas comemorações cívicas e simbólicas, funcionando como ingredientes de um caldo cultural, próprios de uma identidade operária em seu sentido mais amplo. Dito isto, cabe analisar os vários aspectos que informam sobre essa construção, que, antes de tudo, é cultural, posto que elaborada dentro dos seus códigos de percepção do real e do imaginário.

2. As práticas associativas no noroeste cearense

A criação de formas associativas voltadas ao atendimento das demandas dos trabalhadores por proteção frente à doença, à velhice, ao desemprego e às condições adversas ligadas à morte de um familiar tem sido talvez um dos elementos mais característicos do movimento operário em diferentes contextos históricos. (Fortes, 1999, p.173).

Não queremos tomar o enunciado acima para evidenciar apenas o caráter assistencialista que motivou o fenômeno associativo no Brasil, mesmo porque, a discussão que o historiador Alexandre Fortes faz no artigo referido é muito mais ampla daquela que a historiografia estigmatizou como sendo as experiências assistenciais "um modelo teleológico de desenvolvimento do movimento operário". O que buscamos, como o autor nos diz, é entender de que maneira "o atendimento destas necessidades coletivas dos trabalhadores foi buscado em contextos particulares, assim como o papel que estas diferentes alternativas de atendimento desempenharam nos processos mais gerais de organização e mobilização". (Fortes, 1999, p.174-75).

Nas mobilizações do Primeiro de Maio de 1901, realizadas no Rio de Janeiro, o historiador Claudio H. M. Batalha faz uso de fontes jornalísticas que nos descreve a extensa programação da data simbólica que representava os trabalhadores internacionalmente. Desfiles, discursos, visitas às sedes de associações operárias, carnavalescas e redações de jornais, cortejos de estandartes com frases, dísticos e alegorias, execução de peças musicais, se estenderam por todo o dia no centro do Rio de Janeiro. O referido historiador exemplifica a pujança da festa celebrativa do Primeiro de Maio como parte de uma "cultura associativa" que, naquele momento, era "facilmente observável no Rio de Janeiro dos primeiros anos do século XX". (Batalha, 2004, p.96). Os trabalhadores necessitavam de algo mais do que um aparato assistencialista.

No Ceará, esta "cultura associativa" também pode ser observada, não somente pela diversidade, mas também pelo alcance que o associativismo obteve nos mais distantes rincões do estado, a ponto de um articulista observar com certo desdém e ironia:

É rara a capital, cidade, villa ou mesmo lugarejo onde não haja ou tenha havido uma sociedade beneficente. Sem mesmo dizer "água vae" reúnem-se alguns rapazes numa sala qualquer, um delles aventa a "ideia", os demais abraçam e dahi nasce uma "beneficente". (...) os regimentos internos a que os sócios em "assembleia geral" quase sempre dão o bombástico título de LEI BASICA, invariavelmente começam assim: Fica creada nesta - nome do lugar uma sociedade beneficente denominada ... Parece-nos até que a mania do plágio andou urdindo a sua teia na feitura dessa LEIS! (...) O pobre diabo é logo atrahido pela miragem das vantagens futuras, sempre cômico de que está preparando o futuro para si e para os seus. Doce engano!³

Plágio ou não, as práticas associativas atuaram no sentido da organização da classe operária, envolvendo trabalhadores urbanos "ligados ao comércio, às oficinas, ao artesanato, à indústria e mesmo aos jornaleiros", como assinala a historiadora Ana Cristina Pereira Lima.

³ Sociedades Beneficentes. *O Nordeste*. Fortaleza, 7 de agosto de 1922. *Apud* LIMA, Ana Cristina Pereira. "Obreiros pacíficos": o Círculo de Operários e Trabalhadores Católicos São José. (Fortaleza, 1915 – 1931). Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Federal do Ceará. 2009, p.24.

(Lima, 2009, p.27) Em sua dissertação de mestrado, a referida historiadora analisa o associativismo na cidade de Fortaleza, mostrando os aspectos heterogêneos dessa prática no seio operário. Nossa tarefa é tentar alargar o espaço geográfico para a observação das experiências associativas nas cidades da região noroeste do Ceará. Antes, é preciso dizer que a “cultura associativa” não se restringia às classes trabalhadoras (Batalha, 2004, p.96), posto que, o patronato também se organizou, fiel aos seus princípios e lógica, demarcando uma oposição às organizações trabalhistas, intitulando-se como “classes conservadoras”.

A dimensão do fenômeno associativo entre os trabalhadores se inscrevia, portanto, num amplo espaço de atuação que ia na direção da busca de direitos sociais e se constituía "na fronteira entre a ausência do Estado e a necessidade de suprir, conjuntamente, carências intrínsecas à condição de operário" (Lima, 2009, p.25). Por outro lado, a necessidade de se fazer representar na política, levou os trabalhadores a se organizarem para terem seus representantes nos parlamentos via partido político, numa tentativa de positivar o trabalho, desvalorizado historicamente pelas marcas da escravidão. Como afirma a historiadora Isabel Bilhão:

Uma das mais importantes lutas dos operários era a de transformar o estigma de se encontrarem muito próximos da escravidão e de toda a “maldição” que o trabalho, visto por esse ângulo, podia representar, tornando-o a partir de novos significados, não apenas motivo de orgulho, mas também o principal elo de sua identidade coletiva. (Bilhão, 2005, p.64).

Neste sentido, o partido operário era mais um canal que funcionava como uma associação defensora dos interesses operários dentro da ordem estabelecida em busca dessa identidade. (Gomes, 2005). Somente para ilustrarmos com um exemplo local, no final dos anos 1920, Francisco Theodoro Rodrigues, professor e jornalista, que editava, em Camocim, o jornal *O Operário*, incentivava a participação de trabalhadores a concorrerem à Câmara Municipal através do Bloco Operário e Camponês (ver figura abaixo). Posteriormente, foi fundador do PCB na cidade em 1928 (Santos, 2007). No plano nacional, depois dos insucessos eleitorais dos partidos operários, as estratégias dos trabalhadores se modificaram, apesar de vários partidos de matriz socialista terem sido organizados, mas sem muita visibilidade no plano da eleição de representantes no parlamento. Com efeito, um surto de associações de trabalhadores que se denominavam "ligas", "centros" ou mesmo "resistências" se espalhou pelo Brasil, assumindo mesmo demandas antigas dos sindicatos como a eterna luta para diminuição da jornada de trabalho, melhores condições de trabalho e salários. (Carvalho, 2015) Não à toa, na comemoração dos dez anos da Associação dos Empregados do Comércio de Sobral, fundada em

1921, é feita uma alusão a uma "época das associações" cujo lema maior era o "um por todos e todos por um" ⁴, dístico este também presente nas comemorações daquele Primeiro de Maio no Rio de Janeiro referido acima.

Encontraremos um sem número de associações com estas divisas. A "época das associações" traz, para o cenário, diversas entidades dessa natureza, cujos fins se confundem na prática associativa diária. Associações de classes e categorias profissionais parecem ter feições mutualistas, mas não descuram de outras bandeiras. Por outro lado, sindicatos, quase sempre, possuem suas caixas de pecúlio que servem para várias finalidades de auxílio mútuo, além de criarem outras para necessidades pontuais. Embora não sejam exclusivamente de trabalhadores, as associações, mutualistas ou não, acabavam por substituir o Estado no atendimento dos chamados direitos sociais. Desta forma, a prestação de socorros aos associados na área da saúde, do funeral, da defesa judiciária, compra de alimentos, pagamento de aluguéis, dentre outras, estavam no raio de ação destas associações.

Dito desta forma pode parecer que essas associações de socorro são criadas para a diminuição dos sofrimentos da pobreza por pessoas aquinhoadas e dotadas de espírito caritativo. Embora isso não seja uma inverdade, é preciso notar as maneiras como os pobres desenvolveram estratégias de sobrevivência em seus cotidianos, criando laços de solidariedade e reciprocidade, não somente no âmbito destas associações, mas, nas ações simples como o cuidar das "crianças dos vizinhos, os pequenos empréstimos e o abrigo voluntário a quem dele não dispusesse, entre outras colaborações, são fartamente encontradas nas mais diversas comunidades carentes desde tempos imemoriais" (Viscardi, 2009, p.292). Em resumo, nos diz ainda a historiadora Cláudia Maria Ribeiro Viscardi:

Daí decorrem dois tipos de relação social. No primeiro caso, o outro a quem se recorre pode assumir a face de uma Igreja, do Estado, do cidadão benemérito ou do coronel, e outras tantas variações que se encaixam bem no conceito de paternalismo. Tal relação tende a ter um trajeto verticalizado, no qual o doador estabelece com o receptor uma hierarquia cujo tom, à revelia das intenções ou motivações, será o do poder de quem doa sobre quem recebe. Nessa situação, o receptor se encontrará submetido ao doador, mesmo que este último não se utilize da relação em seu próprio proveito. No segundo caso, o outro é um igual, aquele que compartilha das mesmas necessidades e potencialidades. Juntos, desenvolvem relações de reciprocidade que tendem a ser mais balanceadas. Todos contribuem e todos recebem a contribuição. Realçam o *ethos* da obrigação mútua e a responsabilidade coletiva pelo bem-estar dos outros. Nesse contexto as relações tendem a ser mais horizontalizadas, e as hierarquias, menos definidas. A dependência persiste, mas assume um caráter mútuo. (Viscardi, 2009, p. 293).

⁴ Jornal *Brazil-Livre*. Sobral-CE, 26.7.1931. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

Com relação ao mutualismo propriamente dito, forjado nas relações acima analisadas, a historiadora Cláudia Maria Ribeiro Viscardi afirma:

Mas o mutualismo não se esgotava na assistência. Seus sócios eram também atraídos por se identificarem com valores e práticas, rituais e festividades promovidos por essa modalidade de organização social. Na ausência de alternativas de lazer, as festividades organizadas pelas mutuais constituíam-se em espaços valiosos de conagração e fortalecimento de relações afetivas entre seus pares. Nas festas e rituais, eram revigorados os elos entre seus membros, apaziguados os eventuais conflitos e equacionadas as mais marcantes diferenças. (Viscardi, 2004, p.195).

A reflexão e análise da autora citada acima, embora esteja fundamentada numa realidade do centro-sul, vale para nós, no sentido de que no noroeste cearense, a grande maioria das associações pesquisadas praticava em maior ou menor grau, o mutualismo. Mas, como a mesma autora afirma, o mutualismo não se esgotava nas ações assistenciais. Deste modo, a emergência de categorias profissionais vinculadas diretamente à Estrada de Ferro de Sobral e ao Porto de Camocim ou indiretamente a estes espaços de trabalho, como o comércio e prestação de serviços vão suscitar nas principais cidades da região noroeste do Estado do Ceará o aparecimento de uma diversidade de associações, algumas de feições mutualistas, configurando uma prática correspondente que acontecia nos mais avançados centros urbanos do país. Tínhamos, portanto, um porto escancarado ao mundo e uma ferrovia que ligava o litoral de Camocim às brenhas sertanejas de Crateús facilitando, sobremaneira, os contatos das pessoas e a criação destes espaços organizados. No quadro abaixo, a partir do que se pode compulsar na documentação, podemos perceber várias dessas associações que surgiram nessa conjuntura associativa bafejada pelas atividades comerciais, principalmente.

Quadro 1. Associações de classe, sociedades beneficentes e similares na zona noroeste do Estado do Ceará.

NOME DA ENTIDADE	LOCAL	ANO DE FUNDAÇÃO
Associação dos Empregados do Comércio de Sobral	Sobral	1921
Associação Profissional dos Trabalhadores na Indústria de Fiação e Tecelagem	Sobral	1940
Associação Comercial de Sobral	Sobral	1920

Associação dos Trabalhadores na Construção Civil de Sobral	Sobral	1947
União dos Viajantes Comerciais de Sobral	Sobral	1937
Sociedade dos Inquilinos	Sobral	1931***
Sociedade Beneficiadora Granjense	Granja	1911
Associação Profissional dos Operários em Construção Civil	Granja	1945****
Sociedade Deus e Mar	Camocim	1930**
Associação dos Retalhistas de Camocim	Camocim	1934
Sociedade Beneficente Ferroviária	Camocim	1932
Caixa Auxiliadora do Pessoal da Estrada de Ferro de Sobral	Camocim	1930
Associação Comercial de Camocim	Camocim	1918
Sociedade da Construção Civil e Ofícios Vários	Camocim	1953
Associação Comercial de Crateús	Crateús	1930**
Associação dos Empregados do Comércio	Crateús	?
Associação Comercial de Ipu	Ipu	1925*
Hospital Maternidade Nossa Senhora do Amparo (Sociedade Beneficente)	Viçosa do Ceará	1959
Associação de Proteção e Assistência à Maternidade e à Infância de Viçosa- Ceará	Viçosa do Ceará	1968
Patronato Tenente Ângelo de Siqueira Passos	Viçosa do Ceará	1959
TOTAL	-	20

* Data mais antiga em que aparece a referência na documentação. Fonte: Revista Instituto do Ceará-2009. Data do Fato: Maio/1925. Disponível em:

http://portal.ceara.pro.br/index.php?option=com_content&view=article&id=27856&catid=331&Itemid=101. Acesso em 19/10/2015.

** Almanach Laemert, 1930, p.406.

*** Data mais antiga em que aparece a referência na documentação. Fonte: *Jornal Brazil-Livre*.Sobral-CE,18/03/1931.

**** Data mais antiga em que aparece a referência na documentação. Fonte: *Jornal Correio da Semna*..Sobral-CE, outubro/1945.

São estes espaços organizados, no conjunto de suas práticas associativas que queremos compreender. No que pudemos observar, concordamos com o historiador Ronaldo Pereira de Jesus, quando diz que essas experiências "se manifestaram concretamente em práticas de solidariedades horizontais, aglutinando homens e mulheres (em geral pobres e trabalhadores) e gerando uma cultura emergente, diante das transformações econômicas, sociais, políticas e ideológicas que marcaram o período". (Jesus, 2007, p.155).

Por outro lado, gostaríamos de ressaltar outro componente na criação destas associações, para além dos objetivos principais constantes em suas razões sociais - o papel das mesmas na construção da cidadania, promotor de um significativo impacto na organização da sociedade civil. Como assinalam os historiadores Ronaldo Pereira de Jesus e Cláudia Maria Ribeiro Viscardi sobre a experiência mutualista no Brasil, o caráter cultural dessa experiência associativa reforçou os laços de cidadania que se construíram na passagem do século XIX para o XX no país. Deste

modo, as associações mutualistas e congêneres, surgiram com a finalidade de atuarem na defesa de direitos e proteção social, desenvolvendo relações de solidariedade e promovendo lazer para os seus associados. Sistematizam, portanto, esta prática como uma "cultura associativa de formação", chegando mesmo até a caracterizarem as lojas maçônicas como inclusa nesse aspecto⁵. No entanto, os autores sugerem que o mutualismo em suas complexidades é muito mais amplo do que se imagina, provocando um impacto bastante interessante para a formação da classe trabalhadora urbana do país. (Viscardi; Jesus, 2007, p.123-24). Entendendo essa complexidade e amplitude também como a falta de estudos sobre outras regiões do Brasil (o trabalho dos autores, além do eixo sul-sudeste, apresenta alguns dados apenas para Pernambuco, Bahia e Mato Grosso), é que se pretende apresentar outros espaços da ação mutualista no Brasil, notadamente, no interior do estado do Ceará.

Na massa documental utilizada pelos autores acima, surge uma variedade de associações que aparecem entre a segunda metade do século XIX e primeira metade do XX, representadas pelas irmandades, mutuais, corporações de ofícios, associações filantrópicas, seguradoras e sindicatos. Para o nosso objeto de pesquisa, afora as irmandades, temos esta mesma variedade, acrescida dos Círculos Operários e Bancos Populares, embora estes últimos não estejam propriamente vinculados aos trabalhadores e nem criados em nome deles, aparecem apenas como dados nesse universo associativo.

3. Experiências mutualistas no interior cearense

O estudo do mutualismo permite que a investigação sobre os trabalhadores de determinado local e período ganhe contornos mais dinâmicos e complexos. Isso ocorre porque as associações mutualistas podiam ser criadas por diferentes grupos sociais, administradas por diversos agentes históricos e podiam ter um quadro de associados variado, oferecendo múltiplos benefícios e serviços (Nomelini, 2014, p.247).

Em geral, a estrutura das associações mutualistas que surgiram no Brasil não difere muito quanto a sua constituição. Mesmo não se apresentando como mutuais, especificamente, pode-se

⁵ Não queremos aprofundar este aspecto para esta pesquisa, mas para efeito de ilustração, a cidade de Camocim tem a sua Augusta, Respeitável e Benemérita Loja Simbólica Deus e Camocim Nº 1, fundada em 28 de julho de 1920, num período de intensa efervescência associativa na cidade e no Estado do Ceará.

entrever numa análise mais detida, que a variedade de associações que afloraram entre a segunda metade do século XIX e primeiras décadas do século XX, possui características muito semelhantes. Inicialmente, constituíram-se como caixas previdenciárias, pecúlios, benefícios pontuais de socorro contra o desemprego, doenças, greves, funerais, etc. Deste modo, como afirma o historiador, Aldrin Castellucci (2014 p.47-8):

As sociedades de auxílio mútuo funcionavam, sobretudo, como caixas de previdência para as quais os associados contribuía, mensalmente, com uma quantia previamente estabelecida em seus estatutos. Grande número delas exigia também uma taxa de adesão, de valor mais elevado, comumente chamado de joia. Os serviços prestados pelas sociedades mutualistas podiam ser bem amplos, desde uma renumeração para os dias parados nos momentos de doença, assistência médica, farmacêutica e jurídica, passando pela pensão por invalidez aos associados ou para seus dependentes em caso de morte, além do auxílio-funeral, herança das antigas irmandades religiosas⁶.

Assim, como no resto do país, no Ceará, a maioria dessas associações obedeceu ao recorte cronológico acima apontado. O historiador cearense Kleiton Nazareno Santiago Mota sistematiza os tipos de associações mutualistas constituídas na capital alencarina:

A maioria das Associações se formou na cidade de Fortaleza, capital do Estado, onde figuraram basicamente quatro tipos de Sociedades de Socorro Mútuo, classificadas do seguinte modo: a) de ofícios e categoria profissional, b) abertas, c) étnicas e d) confessionais ou circulistas (ligadas à Igreja). No período estudado, há uma predominância de Sociedades centradas em torno de ofícios e categorias profissionais. A maioria das Associações dispunha de limitados recursos e poucas dezenas de associados. Entretanto, houve exceções, como a Sociedade Deus e Mar e Sociedade Beneficente do Pessoal da Estrada de Ferro de Baturité, que chegaram a congregar centenas de associados. (Mota, 2009, p.28-9).

As exceções apontadas pelo estudioso, logicamente, levam em conta uma presença maior de trabalhadores ligados às atividades portuárias e ferroviárias no período e, portanto, um pouco

⁶ Para um aprofundamento da atuação das associações mutualistas, ver: LUCA, Tânia Regina de. O sonho do futuro assegurado. O mutualismo em São Paulo. São Paulo/Brasília, Contexto/CNPq, 1990; SILVA JÚNIOR, Adhemar Lourenço da. As sociedades de socorros mútuos: Estratégias privadas e públicas (estudo centrado no Rio Grande do Sul - Brasil, 1854-1940). Porto Alegre, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas - PUC-RS, 2004. (Tese de Doutorado).

mais organizados. O mutualismo ferroviário no Ceará, no entanto, não se limitou à sociedade citada pelo autor acima. Embora, um pouco mais tarde que a entidade beneficente que agremiava os ferroviários da Estrada de Ferro de Baturité, na década de 1930, a Sociedade Beneficente Ferroviária dos Empregados da Estrada de Ferro de Sobral também foi uma associação que congregou mais de uma centena de ferroviários, sobre a qual nos deteremos mais à diante.

Com a abrangência e públicos diferentes, tivemos, a título de exemplo, a Mutualidade Camociense (*sic!*), fundada em 1902 e a União dos Viajantes de Sobral em 1937 como entidades mutualistas que se configuram na classificação assinalada pelo historiador Kleiton Nazareno Santiago Mota. No ano de 1908, em nota no jornal *O Rebate*, a Mutualidade Camociense publicava suas condições de ingresso:

Ser maior de 21 a 25 anos de idade.

- Certidão de idade e atestado médico

- Os menores de 21 anos de idade poderão ser inscriptos com a permissão de seus paes ou tutores. 27 de março de 1908.

Secretário:

Antonio Horacio de Vasconcellos⁷.

A primeira década do século XX parece ter sido o auge das atividades da Mutualidade Camociense. Em vários jornais da região, são publicadas as quitações de pecúlios aos sócios como uma forma de prestação de contas durante este período. A cada pecúlio pago é informado também os valores pagos aos sócios até àquela data. Em outubro de 1908, ao anunciar a quitação do pecúlio de 1:371\$000 à Sra. Maria do Carmo Pierre, a entidade informa que já haviam sido pagos 32:493\$000⁸. Na composição da diretoria eleita para o biênio 1909-1910, percebe-se que a Mutualidade Camociense era uma entidade com membros da elite com trajetórias no comércio, política e intelectualidade locais⁹. Por ser uma entidade de caráter aberto com características de seguradora, seria preciso uma pesquisa mais aprofundada para compreendermos a participação ou não de trabalhadores no seu quadro de associados.

Por outro lado, a União dos Viajantes Comerciais de Sobral, classificada como uma associação "de categoria profissional", também fazia sua propaganda nos jornais. Fundada em 1937, ela se apresentava ao público como "Corporação Beneficente" em pleno progresso por obter a "confiança de seus associados", por cumprir com seu "altruístico programa, já tendo distribuído apreciável soma de benefícios a seus sócios". No mesmo texto, anuncia-se o

⁷ Jornal *O Rebate*, Sobral-CE, março de 1908. Fonte: Hemeroteca do NEDHIS/UVA.

⁸ Jornal *O Rebate*, Sobral-CE, 11 de outubro de 1908. Fonte: Hemeroteca do NEDHIS/UVA.

⁹ [...] Diretoria eleita para o biênio 1909-1910. Presidente: J. J. De Oliveira Praxedes. (reeleito). Vice-Presidente: F. Nelson Chaves. Secretário: Antonio Horacio Vasconcellos. Thesoureuro: Antonio Luiz Aguiar. Directores: José Carneiro d'Araujo (reeleito); José Eustachio do Espírito Santos; Severiano José de Carvalho. Supplentes: F. F. Napoleão; José Severiano Morel; J. Cícero Monteiro [...]. Jornal *O Rebate*. Sobral-CE. 16/01/1909, p.1.

pagamento de auxílios imediatos não ditos e a quantidade de seis pecúlios, sendo o último pago à "beneficiária, Ex^{ma}. Sra. d. Maria José Frota Melo, viúva do sócio Prestestato Melo Filho, falecido em Granja [...], no valor de 2:500\$000, conforme estamos, seguramente, informados". Nessa matéria, jornalística veiculada no jornal *Correio da Semana*, percebe-se claramente facetas desse universo associativo. No mesmo texto, mistura-se louvação à sociedade mutual, apresenta alguma prestação de contas e traz a foto do seu presidente João Germano da Ponte Neto, em que é destacada a atuação administrativa, a ponto de o articulista apontar para a garantia de sua reeleição, expressando a confiança, o zelo administrativo, a distinção social e a capacidade individual mostrados como valores de uma entidade mutualista progressista¹⁰.

Na renovação da diretoria para o biênio 1942-43, pode-se também aquilatar que a maioria dessas associações buscava uma distinção através da composição de suas diretorias. Assim como o percebido na entidade camocinense, a sobralense estava composta em sua grande maioria de nomes da elite, neste caso, a comercial, face à própria finalidade. Além disso, a constituição de um Conselho de Honra, encabeçado pelo nome do Bispo Dom José Tupinambá da Frota, uma figura presente em quase tudo que se organizava na cidade, dava o tom honroso da distinção¹¹.

Apresentamos dois exemplos de associações mutualistas que se apresentavam ao público via imprensa. No entanto, temos dois problemas: a variedade de outras fontes disponíveis, aponta para uma diversidade de associações nas principais cidades da região noroeste do Estado do Ceará, fundadas, em sua grande maioria, como já se disse, na primeira metade do século XX. Contudo, não poderemos adentrar na análise nas trajetórias destas entidades e suas contradições, visto que as fontes, em sua grande maioria jornalística, atestam apenas o fato de se terem constituído como defensoras de seus associados como motivação inicial.

Mas, como se anunciou acima, o comércio e a indústria, proporcionados pelo porto e pela ferrovia na região, ensejaram o surgimento de atores que queriam se ver representados no cenário social, de alguma forma. O comércio e a indústria advindos desse tempo possibilitaram que, nas principais cidades, como Camocim, Sobral, Ipu e Crateús se constituíssem associações ligadas aos grandes e pequenos comerciantes e seus empregados, devidamente ligadas às respectivas federações. Em Sobral, naquela época, em torno de um polo econômico apoiado na esteira das atividades ligadas à cotonicultura, surgiu a Associação Profissional dos Trabalhadores na Indústria de Fiação e Tecelagem e o Sindicato dos Trabalhadores da Indústria de Fiação e Tecelagem, nas décadas de 1940 e 1950, respectivamente. Em Camocim, além da Associação Comercial, a pioneira na região, fundada em 1918 congregando os grandes comerciantes, funcionou uma Associação de Retalhistas, constituída por comerciantes varejistas. Em Sobral, os

¹⁰ Jornal *Correio da Semana*, Sobral-CE, janeiro de 1942. Fonte: Hemeroteca do NEDHIS/UVA.

¹¹ Jornal *Correio da Semana*, Sobral-CE, março de 1942, p.3. Fonte: Hemeroteca do NEDHIS/UVA.

segmentos do comércio estavam representados pela Associação Comercial de Sobral fundada em 1920, uma referente à classe dos merceeiros, outra, aos caixeiros viajantes denominada de União dos Viajantes Comerciais de Sobral, assim como uma entidade ligada aos empregados do comércio ao estilo das fênix caixeirais, a Associação dos Empregados do Comércio de Sobral. Em Crateús, uma Associação dos Empregados do Comércio recebeu, em 1963, subvenções do governo por empreender uma "ação social" no valor de Cr\$5.000,00¹².

De inspiração mutualista e beneficente, várias foram as entidades organizadas com este intento, tendo no próprio nome a finalidade, ou encerrada nos objetivos de outras denominações. A Sociedade Beneficente Ferroviária, em Camocim e a Sociedade Beneficiadora Granjense, em Granja, são exemplos de entidades que se constituíram para ajuda mútua entre trabalhadores.

Ainda com este caráter de benemerência, do exercício da caridade cristã e apoio a atividades educacionais, atreladas à Igreja Católica, podemos citar a Liga Feminina de Ação Católica (1944) e o Serviço de Promoção Humana (SPH) em Camocim (1962), Associação Beneficente das Filhas de Santana - ASSO BENFISA, em Sobral, Associação das Senhoras da Caridade de São Vicente de Paulo, do Ginásio Nossa Senhora das Graças e Patronato Tenente Ângelo de Siqueira Passos, em Viçosa do Ceará.

Com uma denominação que não encobre o caráter mutualista, surgiram também as cooperativas, associações que, com este nome, resistem até hoje, logicamente, com objetivos diferentes e uma inserção maior na lógica do capital. O espírito de cooperativismo animava a criação de associações mutualistas, que, no Ceará, foi mais significativa do que as agremiações sindicais na Primeira República, embora não houvesse maiores enfrentamentos entre estas, como acontecia na capital federal entre entidades de matiz anarquistas e socialistas.

Não é só no terreno das reivindicações que o proletariado poderá melhorar de sorte: da sociedade de auxílio mútuo pode surgir um surto de bem-estar para as classes operárias unidas. É onde surge o princípio do **cooperativismo**, em que o operário é seu próprio fornecedor por meio de agremiações econômicas¹³.

Nesta perspectiva, no universo de nossa pesquisa, deparamo-nos com cooperativas que objetivavam desde a redução do custo de vida, através da compra de alimentos de primeira necessidade, até as que se cooperavam em torno do crédito, fazendo surgir pequenos bancos na

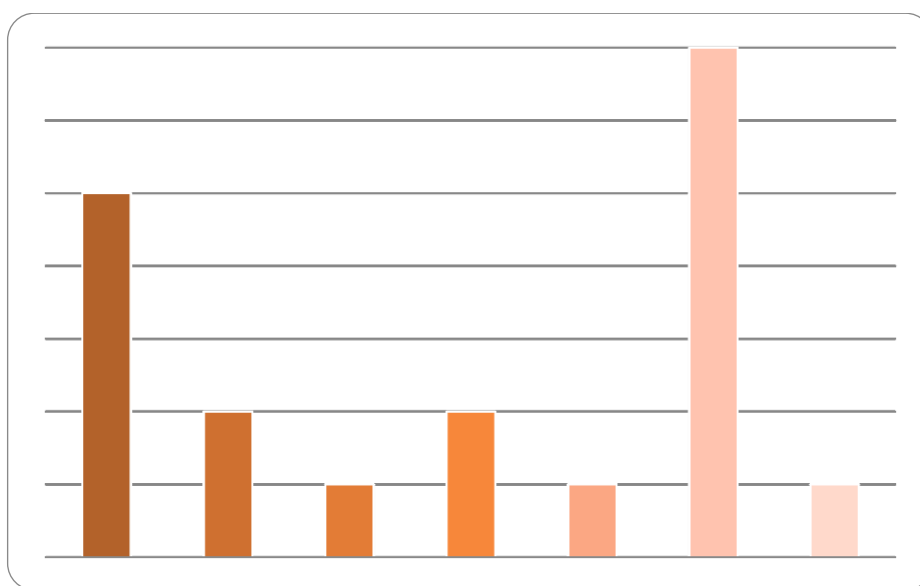
¹² Diário Oficial da União (DOU) de 27 de dezembro de 1963, p.348.

¹³ “O 24° Aniversario do Centro Artístico Cearense”. *O Nordeste*. Fortaleza: 10 de fevereiro de 1928. Apud LIMA, Ana Cristina Pereira. *Op. cit.*, p. 31.

região de Camocim, Granja, Massapê, Sobral, Ibiapina e Ipu, como podemos observar numa relação da nomenclatura dos principais bancos nos estados do Brasil, assim como num anúncio do Banco Rural, Ipu¹⁴.

Estes bancos foram criados a partir da iniciativa de comerciantes locais ou de religiosos, como o Bispo Dom José, com relação ao de Sobral. Referente às classes de trabalhadores, ficou registrada a Cooperativa de Consumo das Classes Trabalhistas e a Cooperativa de Consumo dos Ferroviários da Estrada de Ferro de Sobral, em Camocim e Sobral¹⁵, Cooperativa Comercial Mista da Região da Ibiapaba, em Ubajara e Cooperativa Operária do Norte do Ceará, em Granja, dentre outras. No gráfico abaixo, apresentamos a ocorrência destas entidades na zona noroeste do estado, tendo Camocim e Sobral como municípios de destaque nessa forma de organização.

Gráfico 1 - Entidades Mutuais, Cooperativas de Trabalhadores e Bancos Populares. Zona Noroeste do Ceará.



As cooperativas de consumo acabaram por atingir o funcionalismo público. Embora as

¹⁴ O Banco do Comércio e da Lavoura de Camocim (como Sociedade Cooperativa de Responsabilidade Limitada) teve seu funcionamento autorizado pelo Decreto nº 6.673, de 7 de janeiro de 1941. Já em Sobral funcionou o Banco de Crédito Popular S/A, iniciativa do então Bispo Dom José Tupinambá da Frota. Posteriormente o banco se transformou no BANCESA S/A, encerrando suas atividades em fevereiro de 2003. Em Camocim funcionaria ainda o Banco Auxiliar e Agrícola. Fonte: Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro. 1891-1940, p.38, vol IV. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=313394&pagfis=105280&pesq=&url=http://memoria.bn.br/doceader#>. Acesso em 27/03/2015.

¹⁵ Era comum que várias entidades ligadas aos funcionários da Estrada de Ferro de Sobral existissem tanto em Camocim como Sobral, cidades que concentravam o maior número de funcionários

cooperativas acima assinaladas sejam, majoritariamente, dos anos 1930 (ver quadro abaixo) e nelas constarem algumas classes de funcionários públicos, como os ferroviários. Somente a partir de 1942 é que essas associações vão surgir com mais forças, a ponto de se constituir na burocracia do estado um Departamento Estadual de Cooperativismo, “[...] órgão administrativo que se propõe a fiscalizar, fomentar e prestar assistência às cooperativas [...]”. Segundo a matéria do *Correio da Semana*, até 1941 só existiam na capital as cooperativas de consumo dos empregados do IFOCS e dos bancários. A partir de setembro de 1942, foram fundadas as cooperativas de consumo dos funcionários públicos do Estado do Ceará e dos funcionários federais do Ceará. Em novembro, os funcionários da Prefeitura de Fortaleza constituíram a sua cooperativa de consumo. Informa ainda o jornal que, com o advento do Departamento Estadual de Cooperativismo, “veio congregar todas as classes sociais da capital em cooperativas de consumo, no mais curto espaço de tempo”, citando neste rol a classe caixeiral, “as sociedades agropecuárias, de crédito e escolares”¹⁶.

Quadro 2. Bancos, cooperativas e associações mutualistas.

NOME DA ENTIDADE	LOCAL	ANO DE FUNDAÇÃO
Mutualidade Camociense	Camocim	1902
Cooperativa de Consumo das Classes Trabalhistas	Camocim	
Cooperativa de Consumo dos Ferroviários da Estrada de Ferro de Sobral	Camocim	
Banco do Comércio e da Lavoura	Camocim	1941
Banco Auxiliar e Agrícola	Camocim	1930*
Cooperativa de Consumo das Classes Trabalhistas.	Sobral	
Cooperativa de Consumo dos Ferroviários da Estrada de Ferro de Sobral	Sobral	
Banco Popular de Sobral	Sobral	1930*
Banco de Crédito Agrícola de Sobral	Sobral	1930*
Banco Mercantil Caixeiral	Sobral	1931*
Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Comerciantes	Sobral	1947****
União dos Viajantes Comerciais de Sobral	Sobral	1937

¹⁶ *Correio da Semana*, Sobral-CE, 09/01/1942, p.3. Fonte: Hemeroteca do NEDHIS/UVA.

Cooperativa Operária do Norte do Ceará	Granja	
Banco Popular de Granja	Granja	1930*
Cooperativa Comercial Mista da Região da Ibiapaba	Ubajara	1958
Banco Rural de Massapê	Massapê	1930*
Banco Rural de Ipu	Ipu	1929
Casa Bancária de Ipu S.A.	Ipu	1942**
Banco Agrícola de Ibiapina	Ibiapina	1940 ***
TOTAL	-	19

* Data mais antiga em que aparecem na documentação. Fonte: Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro. 1891-1940, vol. IV, p.38 (Antigo Almanak Laemert. Estados do Norte. 3º volume. 1930)

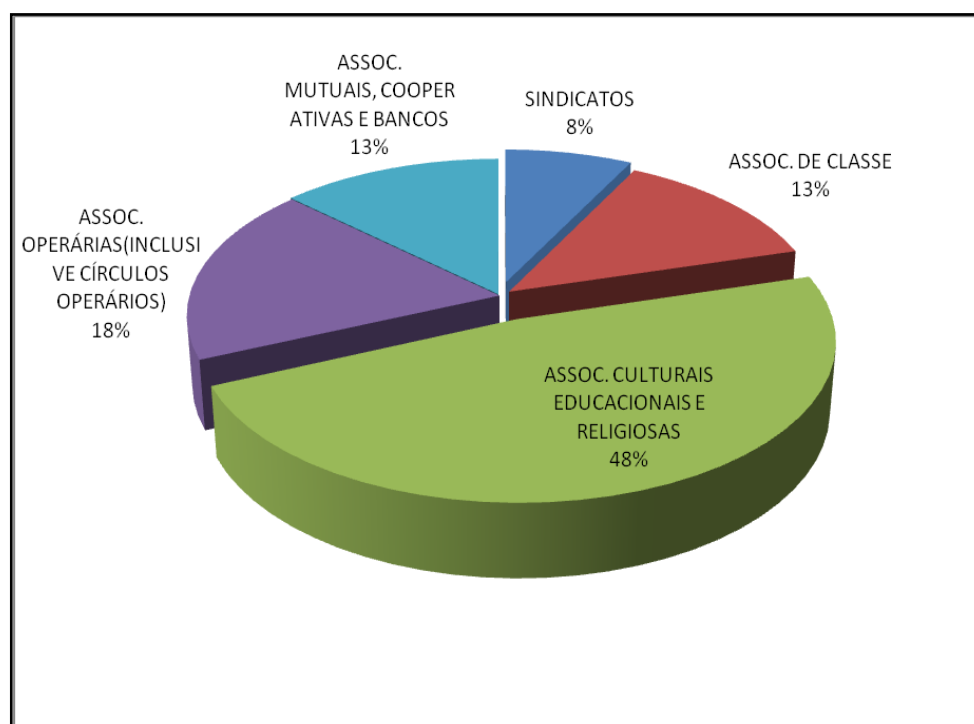
** Data mais antiga em que aparece na documentação. Jornal *Correio da Semana*, fevereiro de 1943, reproduzindo documento do referido banco relativo ao ano fiscal de 1942. Fonte: NEDHIS/UVA.

*** Data mais antiga em que aparece na documentação. Jornal *Correio da Semana*. 10/01/1941, reproduzindo documento do referido banco datado de 30 de dezembro de 1940. Fonte: NEDHIS/UVA.

**** Data mais antiga em que aparece na documentação. Jornal *Correio da Semana*. Sobral-CE. 03/05/1947. Fonte: NEDHIS/UVA.

No sentido de visualizarmos esse fenômeno associativo, apresentamos abaixo um gráfico onde se sobressaem as associações criadas por operários ou em nome deles, tanto no esforço de representação, identidade ou de disputa ideológica.

Gráfico 2 - Tipologia das Associações na Zona Noroeste do Estado do Ceará.



Numa análise mais detalhada, podemos dizer que os trabalhadores, de forma direta ou indireta, estavam em todos os tipos de associações. Quase metade, isto é, 48%.

4. O associativismo de classe

A organização da sociedade civil na luta pela expansão da cidadania requer a formação e o acúmulo da cultura cívica, entendida como cultura política composta de hábitos de cooperação, solidariedade, espírito público e reciprocidade em oposição às relações verticais próprias do clientelismo. (Viscardi; Jesus, 2007, p.23).

Partindo para a compreensão da representatividade de algumas categorias profissionais, cada cidade apresentou suas entidades correspondentes aos seus espaços de trabalho. Deste modo, os ferroviários se organizaram em várias entidades. Em Camocim e Sobral, entidades em tempos diversos ou concomitantes, funcionaram o Centro dos Funcionários da Estrada de Ferro de Sobral, União dos Empregados da Estrada de Ferro, a Liga de Defesa dos Ferroviários e Sociedade Beneficente Ferroviária. Algumas destas entidades tinham suas representações e associados nas cidades por onde os trilhos passavam, de Camocim a Crateús, como é o caso da Sociedade Beneficente Ferroviária, em uma extensão de mais de trezentos quilômetros.

Quadro 4 - Relação de sócios da Sociedade Beneficente Ferroviária¹⁷

PROFISSÃO	Nº DE ASSOCIADOS	TOTAL
Trabalhadores	66	66
Operários	59	59
Guarda-freios	16	16
Feitor	14	14
Servente	13	13
Agente conferente	09	09
Maquinista e Conferente telegráfico	07 (cada)	14
Mestre de linha, Escrevente, Agente, Guarda Estação e Pedreiros	05 (cada)	25
Escriturário, Ajudante de Trem, Servente Escriturário, Vigia e Guarda Fio	03 (cada)	15
Chefe de Trem, Bagageiro, Aposentado e Servente de Oficinas	02 (cada)	08

¹⁷ Livro de Registro de Associados da Sociedade Beneficente Ferroviária. 1936. Camocim-CE.

Engenheiro, Pagador, Servente de 1ª Classe, Ajudante de Distribuição de Material, Chefe de Depósito, Construtor, Auxiliar Técnico, Estafeta, Praticante, Guarda Chaves, Auxiliar de Armazém e Aprendiz	01 (cada)	12
Esposas de trabalhadores	-	24
TOTAL DE ASSOCIADOS	-	295

FONTE: Livro de Registro de Associados da Sociedade Beneficente Ferroviária. Camocim-CE. 1936.

No quadro acima, pode-se observar o rastro da atividade organizacional e a diversidade dessa associação. A Sociedade Beneficente Ferroviária, fundada em 23 de julho de 1932, apresentava em seu quadro social a representação de um corpo de funcionários de uma ferrovia. Do aprendiz ao engenheiro, com as cotas correspondentes ao cargo ocupado, e algumas esposas de sócios (em torno de 10% do total), a entidade chegou a ter 486 associados no ano de 1939. Essa variedade parece ter sido uma característica das sociedades que congregavam ferroviários, como a Sociedade Beneficente do Pessoal da Estrada de Ferro de Baturité, fundada no ano de 1891. (Mota, 2009, p.40).

Como vimos, anteriormente, as ideias da criação de sociedades mutuais não partiam exclusivamente dos trabalhadores. Algumas dessas sociedades procuravam arregimentá-los com outros interesses, que não os de propriamente socorrê-los. O jornal *O Operário*, editado em Camocim, denuncia uma destas associações, antes mesmo da fundação da Sociedade Beneficente Ferroviária. Tratava-se da Caixa Auxiliadora do Pessoal da Estrada de Ferro de Sobral, cujos objetivos anunciados eram de conceder “empréstimos, pecúlio e instrução literária e profissional”. No entanto, ao observar a composição da diretoria, o editor do jornal não deixa passar despercebido um detalhe da sociedade mutualista que se apresentava: “N.R. Nessa directoria, não figura o nome de nenhum operário. Pobre gente esquecida. Esquecida para as direcções e lembrada para entrar com o **cobre**”¹⁸. Observa-se, portanto, que a tutela de patrões poderia estar no controle deste tipo de sociedade, ou no caso em tela, comandada por uma elite de funcionários dentro da hierarquia funcional da Estrada de Ferro de Sobral, como era corrente acontecer em outros lugares do Brasil.

Muito antes da observação do jornal *O Operário*, que denuncia a manipulação da entidade mutualista, em Camocim, num momento em que ainda não havia se forjado a militância comunista na cidade nos anos 1930, é sintomático como se constrói a propaganda do mutualismo, no início de 1912, por outro jornalista, Júlio Cícero Monteiro, no jornal *A Palavra*,

¹⁸ ornal *O Operário*. Camocim-CE, 05/10/1930. Anno IV, nº 68, p.3. Grifo nosso.

utilizando-se de termos muito caro às ideias socialistas como *igualdade, fraternidade, proletariado, classes populares*:

[...] ellas surgem por toda à parte, nas capitaes dos Estados e nas outras cidades do interior, isto é - quer nos grandes centros, quer nos pequenos, espalhando, uniforme e equitativamente, o benefício entre a heterogeneidade communal, constituída por todas as classes populares, por todas as condições sociaes.

O proletariado n'um futuro não mui remoto tenderá a desaparecer: a fraternidade universal tão almejada, surgirá punjante do seio do mutualismo hodierno, que virá substituir praticamente a chimerica doutrina do Socialismo.

[...] Essas sociedades constituem um nucleum de benemerencia tal, instiuída sob a flamula do "mutualismo", que, em conjuncto, as reputamos a mais grandiosa concepção do AUXÍLIO MUTUO concretizado nas PENSÕES e nos PECULIOS. As pensões são uma especie de MONTEPIO dos pobres: e é por isso que ellas têm tido tão franca acceitação do publico¹⁹.

Continuando nesse esforço de mostrar a organização dos trabalhadores no noroeste cearense, trataremos agora das categorias profissionais que gravitaram em torno do porto de Camocim. É importante assinalar que, com relação aos trabalhadores dos serviços portuários, a historiografia, como nos diz o historiador Fernando Teixeira da Silva, gravitou, "fundamentalmente, em torno dos elementos integrativos e/ou desagregadores de sua experiência"²⁰. A experiência que queremos assinalar é a dimensão associativa que estas categorias tiveram em Camocim em um tempo em que a militância comunista contribuiu para a criação do Sindicato dos Estivadores do Porto, Sindicato dos Trabalhadores do Serviço Portuário, Sindicato dos Salineiros, Colônia de Pescadores, além do Sindicato da Construção Civil. Os embates internos constante das atas desses sindicatos, embora com suas cargas de interesses próprios, demonstram as preferências políticas de seus associados e apontam para aquilo que nos diz o historiador, acima referido, sobre o fato de os trabalhadores portuários terem

[...] uma generalizada e permanente propensão sindicalista e grevista. Esse conjunto de fatores permitiria explicar o sindicato como a principal referência social na vida dos trabalhadores e a frequência com que foram

¹⁹ Jornal *A Palavra*. Camocim-CE, 06/01/1912. Anno VIII, nº15, p.1.

²⁰ Estes elementos são os mais diversos que, colocam estas categorias profissionais como diversificada, competitiva, despolitizada, conservadora, solidária, viril, violenta, com propensão ao alcoolismo, sindicalismo e aos movimentos paredistas, dentre outros. Ver: Fernando Teixeira da Silva. Valentia e cultura do trabalho na estiva de Santos. In: BATALHA, Claudio H. M; SILVA, Fernando Teixeira da; FORTES, Alexandre (Orgs.) *Culturas de Classe*. Campinas: SP: Editora da Unicamp, 2004, p.205.

criadas organizações estáveis e politicamente radicais. (Silva, 2004, p.205).

A documentação, contudo, sugere a emergência de outros sindicatos que abarcavam outras categorias profissionais, notadamente, da cidade de Sobral, (ver quadro abaixo) surgidas de outras demandas, diferentes das que apresentaram os sindicatos de Camocim, atendendo aos preceitos legais e com características de representação classista e com ações reformistas e até mutualistas. Embora ainda não apresentasse uma configuração associativa, o pedido de 47 licenças para o exercício de profissões no final do século XVIII (1774), em Sobral, por exemplo, já indicava uma variedade interessante de ofícios representada por comerciantes, alfaiates, seleiros, ferreiros, carapinas, carpinteiros, sapateiros e tecelões²¹.

Quadro 5. Sindicatos da zona noroeste do Estado do Ceará.

NOME DA ENTIDADE	LOCAL	ANO DE FUNDAÇÃO
União dos Sindicatos e Associações de Classes de Camocim (USACC)	Camocim	
Sindicato dos Estivadores do Porto	Camocim	
Sindicato dos Trabalhadores do Serviço Portuário	Camocim	
Sindicato da Construção Civil	Camocim	
Sindicato dos Salineiros	Camocim	
Colônia de Pescadores	Camocim	
Sindicato dos Trabalhadores em Carpintarias e Marcenarias	Sobral	
Sindicato dos Trabalhadores da Indústria de Fiação e Tecelagem	Sobral	1950
Sindicato dos Empregados no Comércio Hoteleiro e Similares de Sobral	Sobral	1960
Sindicato dos Trabalhadores na Indústria da Construção Civil de Sobral	Sobral	1964*
Sindicato dos Pedreiros de Sobral	Sobral	1938
TOTAL	-	11

Outros trabalhadores de ofícios vários também viram nas representações associativas, no sentido de se buscar uma identidade, de atuar na qualificação para o trabalho, escolas para sócios

²¹ Livro de Registro de Licenças da Câmara da Vila de Sobral. 1774. NEDHIS/UVA.

e filhos de associados, um lugar de sociabilidade ou mesmo expressar uma dissidência no seio associativo. Portanto, em várias cidades como Camocim, Sobral e Ipu foram criados os Centros Artísticos com a derivação de Clube dos Artistas (como ocorreu em Sobral), que congregavam estes tipos de trabalhadores que, de alguma forma, eram excluídos de outros espaços. A publicação dos Estatutos do Centro Artístico de Ipu, em 1921, de alguma forma, mostra que essas organizações atingiam graus de sociabilidade para além da questão da identidade, disciplinando ingresso, comportamentos, etc. Em 1938, o jornal *Correio da Semana* noticiava que o Sindicato dos Pedreiros estava funcionando, provisoriamente, no Centro Artístico Sobralense²². O mesmo jornal dá conta da existência de um sindicato dos Trabalhadores em Carpintarias e Marcenarias do Município de Sobral.

Este tipo de associação era de feição mutualista. Proibidas pela Constituição de 1824, as corporações de ofícios derivaram para a associação de operários livres que se agremiaram em "associações de socorros mútuos, sociedades e clubes de caráter beneficente". Nos grandes centros urbanos, artistas em geral, tipógrafos, mecânicos, alfaiates, barbeiros, cabeleireiros, copeiros, marceneiros, carpinteiros, sapateiros, dentre outros criaram suas associações. No Ceará, o Centro Artístico Cearense mantinha uma escola destinada aos sócios e familiares de ambos os sexos que, segundo os dados de 1930, apresentavam uma boa diversidade de operários, em torno de 1.000 sócios²³.

Na seara política, partidária ou não, os trabalhadores também estavam presentes. Como assinalamos acima, nas primeiras décadas do século XX, o partido político se apresentava como um canal de representação trabalhista no Brasil, com os vários matizes ideológicos próprios do período. No Ceará, em 1919, foi fundado o Partido Socialista Cearense, reivindicando e defendendo as bandeiras de luta daquele momento: jornada de oito horas de trabalho, repouso semanal, direito de associação e proibição do trabalho de menores. Em 1927, surgem as primeiras células comunistas. Em Camocim, a partir de 1928, surge o Bloco Operário e Camponês, o Comitê Municipal do Partido Comunista, o jornal *O Operário* e a União Feminina, além dos sindicatos referidos acima²⁴. Com efeito, a militância comunista conseguiu organizar em cidades como Sobral, Ipu e Crateús, entidades semelhantes. A sociedade civil, influenciada ou não pelo

²² Jornal *Correio da Semana*. 01/01/1938. Sobral-CE.

²³ Almanach Estatístico, Administrativo, Mercantil, Industrial e Literário do Estado do Ceará para o ano de 1930. Fortaleza: Typographia Progresso, 1930.

²⁴ No sentido de se perceber o avanço teórico e metodológico no campo de estudo sobre os trabalhadores, a imprensa operária aparece como uma importante possibilidade de pesquisa. No Ceará, a temática foi abordada pela historiadora Adelaide Gonçalves em que se analisam as matrizes doutrinárias dessa imprensa e a heterogeneidade das experiências e práticas dos seus protagonistas. Na região noroeste do Ceará, o jornal *O Operário*, editado em Camocim, foi exemplo desse tipo de projeto. Cf. GONÇALVES, Adelaide. "A Imprensa dos Trabalhadores no Ceará, de 1862 aos anos 1920". Florianópolis. Tese de Doutorado em História. Universidade Federal de Santa Catarina. 2001.

ideário político partidário, também se organizou em associações de defesa de direitos mais diversos. Em Sobral, tivemos uma Sociedade dos Inquilinos, que nos mostra que o fenômeno associativista extrapolava o mundo do trabalho. Sociedades de amigos reivindicavam mais "progresso" para suas cidades como a Associação dos Amigos do Progresso do Distrito de General Tibúrcio, em Viçosa do Ceará, ou a Sociedade dos Amigos do Progresso de Camocim e Granja, com subvenções governamentais²⁵. Ou mesmo, a Associação Viçosense da Cultura Popular, em Viçosa, que tinha como objetivo "propagar pelo progresso cultural de todos os viçosenses, fazendo-se, necessário, representar perante os poderes públicos, evitando toda e qualquer manifestação política"²⁶.

Percebe-se então, nesses organismos, a influência de lideranças consolidadas no seio do operariado com alguma vinculação partidária, tornando-se "paladinos da causa dos trabalhadores", bastante estudados pela historiografia sobre o movimento operário do Rio de Janeiro e São Paulo, principalmente. Fernando Teixeira da Silva, ao se debruçar sobre essa questão na cidade de Santos, afirma que estes personagens atuavam na base operária "buscando defendê-los no terreno político e legal". (Silva, 2003, p.36). Neste sentido, essa prática pode ser observada em vários lugares, mesmo dentro dos limites permitidos dos códigos legais e da ordem dominante ligada ao patronato.

Em Camocim, essa prática de defesa no terreno político legal pôde ser compreendida na atuação do jornalista Francisco Theodoro Rodrigues, incentivando a representação trabalhista na Câmara Municipal, ainda nos anos 1920. Os frutos desse incentivo aparecem nas eleições de 1947, quando o comunista Pedro Teixeira de Oliveira foi eleito vereador. Por outro lado, algumas atas do Sindicato dos Estivadores do Porto de Camocim tratam da existência de uma espécie de central sindical local no sentido de fortalecer os laços do operariado local. Na sessão extraordinária do dia 8 de dezembro de 1957, o secretário leu ofício da USACC – União dos Sindicatos e Associações de Classes de Camocim "comunicando sua fundação e sua finalidade, ficando os associados presentes cômicos de tão notável acontecimento"²⁷. Embora não se tenham encontrado registros desta entidade propriamente dita, as atas referidas dão pistas dessa experiência. Com o papel de central sindical, a USACC atuava na discussão coletiva de problemas que afetavam diretamente o mundo do trabalho dessas categorias, em que todos poderiam discutir o melhor encaminhamento para a resolução dos impasses. No depoimento do ex-sindicalista, João Ricardo, um dos líderes dessa associação:

²⁵ Diário Oficial da União (DOU) de 27 de dezembro de 1963, p.348.

²⁶ Estatuto da Associação Viçosense de Cultura Popular. Art.2º, §4º. Arquivo: Cartório Walter Vasconcelos. 2º Ofício. Viçosa do Ceará-CE.

²⁷ Sindicato dos Estivadores do Porto de Camocim. Ata de Sessão Extraordinária. 8 de dezembro de 1957, Livro 1, p.7. Camocim-CE.

Naquele tempo, nós nos reuníamos para discutir os problemas dos outros. O sindicalismo aqui em Camocim era organizado. Nós éramos convidados para assistir às reuniões de outros sindicatos e associações. Quando um tinha uma questão para ser resolvida, a gente dava opinião e fazia um movimento para encontrar uma solução. Os desfiles de primeiro de maio eram muito bonitos, a passeata ia a todas as sedes dos sindicatos e associações e todo mundo participava. Hoje não, cada um cuida de si e até atrapalha os outros. (Santos, 2007, p.56-7).

Mesmo com a demarcação de tempos diferentes assinalada pelo depoente, seria ingênuo pensar que essas ações de solidariedade fossem contínuas. Apesar disso, “discutir os problemas dos outros” e “encontrar uma solução” parece ter sido uma prática que ultrapassou os discursos de conagração das categorias profissionais nos momentos festivos e reivindicatórios do Primeiro de Maio.

Como nos diz Francisco Foot Hardman, é no “exame das instituições criadas pela classe (uniões, ligas sindicatos, jornais, partidos etc.)” que podemos perceber *materialmente* a consciência de classe. (Hardman, 2002, p.39). É esse exame que permite perceber as relações mantidas entre estes trabalhadores e os órgãos do governo, outras instituições e setores da sociedade. Exemplo disso é o fato de que as associações se constituíam no sentido de suprir as lacunas deixadas pelo Estado no provimento das necessidades básicas da população, mas, ao mesmo tempo, utilizavam-se das subvenções governamentais. Infelizmente, nem sempre as fontes compulsadas puderam fornecer essa materialidade com maiores detalhes. Muitas delas ficaram apenas no registro de um anúncio de assembleia em um jornal, ou mesmo na formalidade estatutária encontrada nos livros de um cartório. No entanto, várias dessas organizações eram congêneres de outras que se espalhavam pelo Brasil e pelo Ceará.

Referências Bibliográficas

ALVES, Giovanni; ARAÚJO, Renan. *Thompson, Lukács e o conceito de experiência — um diálogo mais que necessário*. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5007/1984-9222.2013v5n10p53>>. Acesso em: 01 set.2014. (Artigo).

BATALHA, Claudio H. M; SILVA, Fernando Teixeira da; FORTES, Alexandre (Orgs.) *Culturas de Classe*. Campinas: SP: Editora da Unicamp, 2004. p.95-119.

_____ (org.) *Dicionário do movimento operário*. Rio de Janeiro do século XIX aos anos 1920, militantes e organizações. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2009.

BATALHA, Claudio H. M; SILVA, Fernando Teixeira; FORTES, Alexandre (Orgs.) *Culturas de Classe*. Campinas: SP: Editora da Unicamp, 2004.

BILHÃO, Isabel Aparecida. *Identidade e Trabalho: Análise da construção da identidade dos operários porto-alegrenses (1896 – 1920)*. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

BURKE, Peter. *O que é história cultural?* Trad: Sérgio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, Lar & Botequim*. O cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque. 2ª ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2001.

DE LUCA, Tânia Regina. *O sonho do futuro assegurado*. São Paulo: Contexto, 1990.

FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão (orgs.). *A formação das tradições*. (1889-1945). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. As esquerdas no Brasil, v.1.

FIUZA, Elizabete Aragão. *A trajetória da indústria têxtil no Ceará: o setor da fiação e tecelagem. 1880-1950*. Coleção Estudos Históricos - NUDOC - Projeto História do Ceará, UFC, 1989.

FOOT HARDMAN, Francisco. *Nem pátria, nem patrão!:* memória operária, cultura e literatura no Brasil. 3ª ed. rev. e ampl. São Paulo: Editora da UNESP, 2002.

FORTES, Alexandre. Da solidariedade à assistência: Estratégias organizativas e mutualidade no movimento operário de Porto Alegre na primeira metade do século XX. In: *Cadernos AEL*, v.6, n.10/11, 1999. p.172-220.

GONÇALVES, Adelaide. *A Imprensa dos Trabalhadores no Ceará, de 1862 aos anos 1920*. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

HOBBSAWM, Eric J. *Mundos do Trabalho*. Novos estudos sobre História Operária. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

JESUS, Ronaldo Pereira de. Associativismo no Brasil do século XIX: repertório crítico dos registros de sociedades no Conselho de Estado. In: *Locus*. Revista de História, Juiz de Fora, v. 13, n. 24, 2007, p. 144-170.

LIMA, Ana Cristina Pereira. “Obreiros pacíficos”: o Círculo de Operários e Trabalhadores Católicos São José. (Fortaleza, 1915–1931). Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009.

MAC CORD, Marcelo; BATALHA, Claudio H. M. (orgs.). *Organizar e proteger*. Trabalhadores, associações e mutualismo no Brasil (séculos XIX e XX). Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.

MATOS, Maria Izilda Santos de. *Cotidiano e cultura*. História, cidade e trabalho. Bauru, SP: Edusc, 2002.

MOTA, Kleiton Nazareno Santiago. *Mutualismo Ferroviário: prover e proteger na Sociedade Beneficente do Pessoal da Estrada de Ferro de Baturité de 1891 aos anos 1930*. Dissertação (Mestrado em História) Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2009.

NEGRO, A. L. e SILVA, S. (Orgs.). *E. P. THOMPSON*. As peculiaridades dos ingleses e outros artigos. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001.

OLIVEIRA, André Frota de. *A Estrada de Ferro de Sobral*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 1994

SALES, Telma Bessa. Tecelões de histórias: trabalhadores têxteis e a greve de 23 dias. In: *Trajeto*. Revista de História da UFC, vol.6, n.11 (jun-2008). Fortaleza: Departamento de História da UFC, 2008.

SANTOS, Carlos Augusto Pereira dos. *A militância comunista nos espaços do trabalho*. Camocim-CE. (1927-1950). Fortaleza-CE: UFC/BNB/DRT-CE, 2007.

SANTOS, José Mauricio Moreira dos; LIMA, Solimar Oliveira. Mutualismo no Piauí na Primeira República: uma análise da Associação Operária "União Progressista dos Artistas Mechanicos e Liberaes de Parnahyba" através do jornal *O Artista* (1919-1922). Artigo apresentado no *III Seminário Internacional Mundos do Trabalho / VII Jornada Nacional de História do Trabalho* - 26 a 29 de novembro de 2014. Salvador -Bahia. Universidade do Estado da Bahia (UNEB).

SILVA, Fernando Teixeira da. *Operários sem patrões*. Os trabalhadores da cidade de Santos no entreguerras. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

SILVA JUNIOR, Agenor Soares e. *A cidade disciplinada: a Igreja Católica e os trabalhadores urbanos em Sobral – Ceará (1920-1925)*. Dissertação. (Mestrado em História). Universidade Federal de Pernambuco Recife, 2002.

SOUZA, Jessie Jane Vieira de. *Círculos Operários: A Igreja Católica e o Mundo do Trabalho no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003

THOMPSON, E. P. *A Formação da Classe Operária Inglesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

_____. *Costumes em comum*. Estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

VISCARDI, Cláudia Maria Ribeiro. Estratégias populares de sobrevivência: o mutualismo no Rio de Janeiro republicano. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, 2009. p.291-315.

_____ O estudo do mutualismo: algumas considerações historiográficas e metodológicas. In: *Revista Mundos do Trabalho*, vol. 2, n. 4, agosto-dezembro de 2010. p.23-39.

WILLIAMS, Raymond. *Cultura*. Trad: Lólio Lourenço de Oliveira. 2ª ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2000.